

O Salmo 137 e a estrutura literária de «Sôbolos rios»

Vai em mais de quatro décadas que A. Salgado Júnior¹ teve a intuição feliz de associar a estrutura de *Sôbolos rios*² à do Sl 137³. A concretização efectiva da ideia é que está longe de ser brilhante. Nem admira. Com bases exegéticas tão precárias — ignorância pura e simples do original hebraico, desconhecimento completo de toda a investigação posterior a 1744⁴ — dificilmente se poderia ir mais longe. Menos desculpável é o escasso tratamento linguístico dado às redondilhas famosas. A. Salgado Júnior parece exclusivamente empenhado em descortinar unidades de conteúdo. Como se, em poesia, a forma não fosse tão essencial como o conteúdo. Forma e conteúdo poéticos surgem ou morrem unidos. Nem o poeta se pode comparar ao alfaiate que reveste manequins de ideias nuas com as roupagens elegantes da forma.

Verdade seja que a divisão do salmo em vv. 1-4. 5-6. 7-9 está quase correcta. Na identificação dos blocos correspondentes de *Sôbolos rios* — versos 1-180; 181-270; 271-365 — há também conclu-

¹ *Camões e Sôbolos rios*. Separata do volume X da revista Labor, Aveiro 1935, pp. 10-15.

² Mantenho a lição tradicional «Sôbolos rios», não obstante a primeira edição das RHYMAS DE LUIS DE CAMÕES, Lisboa 1595, fol. 135 r ler «Sobre os rios que vão». «Sôbolos rios» continua a merecer a preferência da maior parte dos editores modernos, como A. J. da Costa Pimpão, LUIS DE CAMÕES, Rimas, Coimbra 1953, p. 118; H. Cidade, LUIS DE CAMÕES, *Obras completas*, I. Redondilhas e sonetos, Lisboa 1971⁴, p. 101; A. Salgado Júnior, *Obras completas* de LUIS DE CAMÕES, Rio de Janeiro 1963, p. 497. Ao invés, R. BISMUT, *La lyrique de Camões*, Paris 1970, p. 556 só conhece «Sobre os rios que vão».

O presente trabalho utiliza a edição de H. Cidade.

³ Ordinariamente fala-se em Sl 136, que é a numeração da Vulgata e dos LXX. Em trabalhos de índole científica emprega-se, porém, a numeração do texto original hebraico, o Texto Massorético, que em Sl 9-146 anda geralmente adiantado em um número em relação àquelas antigas versões.

⁴ Data deste ano a *Psalmorum Davidicorum Analysis*, de T. LE BLANC, de que A. Salgado Júnior cita a divisão do salmo.

sões sólidas. Inaceitáveis são, no entanto, muitas das divisões menores⁵. Nem convence a distinção rígida entre Sião e Jerusalém⁶, outro pilar de interpretação. Só uma análise diferenciada e diacrónica — o Antigo Testamento é uma literatura com a sua história de mais de um milénio — permitiria falar seriamente da questão. Em Isaías, por exemplo, Sião designa apenas o quarteirão governamental. Mais tarde, aplica-se a toda a cidade⁷.

Mas isto já interessa sobretudo à interpretação. O presente estudo mantém-se deliberadamente nos limites da estrutura. Para o estudo do salmo parte da «veritas hebraica». Feito o confronto entre o modelo latino e a sua transposição camonianiana, procurar-se-á determinar a estrutura de *Sóbolos rios* a partir dos elementos formais que transparecem na organização e na arquitectura do todo e das suas partes.

I. Estrutura do Salmo 137

עַל נְהַרוֹת בָּבֶל	Junto aos rios de Babel
שָׁם יִשְׁבְּנוּ גַם־בְּכִנּוּ	nos sentávamos e chorávamos
בְּזִכְרֵנוּ אֶת־צִיּוֹן	com lembranças de Sião.
עַל־עֲרָבִים בְּתוֹכָהּ	Aos choupos daquela terra
תְּלִינוּ בְּנֹרְזֵינוּ	pendurávamos nossas liras.
כִּי שָׁם שְׂאֵלוּנוּ	Aí mesmo nos pediam
שׁוֹבֵינוּ דְּבָרֵי־שִׁיר	cânticos nossos captores
וְתוֹלְדֵינוּ שְׂמֵחָה	e nossos escarnecedores canções alegres:
שִׁירוּ לָנוּ מִשִּׁיר צִיּוֹן	«cantai-nos um dos cânticos de Sião!»

⁵ Dou apenas dois exemplos: como estender a adaptação do v. 1 aos versos 6-10 de «Sóbolos rios», se as palavras do salmo aí não ecoam e se o «ali» com que abre a estrofe denuncia imediatamente a reflexão (cf. versos 11, 16 e 26)? Como ver nos versos 111-120 o começo da adaptação do v. 3, quando «os órgãos» e o «salgueiro» denunciavam imediatamente o v. 2?

⁶ Pedida a J. MARQUEZ, *Los dos estados de la Espiritual Hierusalem*, Lisboa 1609, fol. 49.

⁷ G. FOHRER, *Jesaja 1 als Zusammenfassung der Verkündigung Jesajas*, em Id., *Studien zur alttestamentlichen Prophetie* (BZAW 99), Berlin 1967, p. 164 n. 29.

אֵיךְ נִשְׂרֵי אֶת־שִׁיר־יְהוָה	Como havíamos de cantar um cântico de Javé
עַל־אֲדָמַת נֹכַר	em terra alheia?!
אִם־אֲשַׁכְּחֶךָ יְרוּשָׁלַם	Se de ti me esquecer, Jerusalém,
תִּכְבַּחַשׁ יְמִינִי ⁸	seque minha mão direita!
תִּדְבֶקֶךָ ל־שׁוֹנֵי לְחַבִּי	Minha língua se apegue às fauces,
אִם־לֹא אֲזַכְּרֶכֶּי	se de ti me não lembrar,
אִם־לֹא אֶעֱלֶה אֶת־יְרוּשָׁלַם	se não erguer Jerusalém
עַל־רֹאשׁ שְׂמֹחַתִּי	à minha alegria mais alta!
זָכַר יְהוָה לְבַנֵּי אֲדוֹם	Lembra-te, Javé, dos Edomitas
אֶת־יְדִיּוֹם יְרוּשָׁלַם	no dia de Jerusalém!
הָאֲמָרִים עָרוּ עָרוּ	Eles que diziam: «desnudem, des- nudem
עַד הַיְסוּד בָּהּ	até aos seus alicerces»!
בַּת־בָּבֶל הַשְּׂדוּדָה ⁹	Filha Babel, devastadora!
אֲשֶׁר־יִשְׁלֹם לָךְ	Feliz quem te pagar
אֶת־גְּמוּלָתְךָ שְׂנֵמֶלֶת לָנוּ	o mal que nos fizeste!
אֲשֶׁר־יִשְׂאָחוּ וְנִפֵּץ	Feliz quem agarrar e esfacelar
אֶת־עַלְלֶיךָ אֶל־הַסֵּלַע	os teus bebés contra a rocha!

Mesmo em comentários científicos modernos, nem sempre se dedica muito espaço à estrutura do Sl 137. G. Castellino¹⁰ divide a composição em três partes: vv. 1-3 («la mesta rievocazione della scena lontana»); 4-6 («l'appassionata dichiarazione di amore e fedeltà alla città santa»); 7-9 («la maledizione spietata contro la città e la nazione nemica»). M. Dahood¹¹ distingue quatro estrofes desiguais:

⁸ Cf. BH³ e H. J. KRAUS, *Psalmen* (BK XV/2), Neukirchen-Vluyn 1972⁴, p. 904.

⁹ Cf. *ibid.*.

¹⁰ *Libro dei Salmi*, La sacra Bibbia dir. por S. Garofalo, Torino/Roma 1965, p. 640.

¹¹ *Psalms III* (AB 17A), Garden City, N. Y., 1970, p. 269.

vv. 1-4 (recusa dos Israelitas a cantar Jerusalém); 5-6 (Jerusalém); 7 (Edomitas); 8-9 (Babilónia). H. J. Kraus¹² parece não se preocupar sequer com o problema. Talvez se possa inferir o que pensa a partir da exegese, em que se agrupam os vv. 1-2. 3-4. 5-6. 7. 8-9, o que daria uma divisão semelhante à de Dahood.

A verdade é que nenhum dos autores se dá ao incómodo de fundamentar a sua estruturação. Limitam-se a referenciar temas. Parece-me, no entanto, que os critérios decisivos se terão de ir buscar à linguística. Se tal estrutura se vier a encontrar com uma divisão temática, tanto melhor.

Por critérios estritamente linguísticos, D. N. Freedman¹³ encontrou no salmo uma estrutura perfeita, equilibrada, quiástica e simétrica: introdução (vv. 1-2) e conclusão (vv. 8-9) a envolver o corpo do salmo (vv. 3-7), também ele estruturado concentricamente à volta do núcleo (vv. 4-6)¹⁴. Tomando como base da métrica o número de sílabas, chega-se a um modelo de equilíbrio estrutural: I (vv. 1-2) = 37 sílabas; II (v. 3) = 27 sílabas; III (vv. 4-6) = 54 sílabas; IV (v. 7) = 27 sílabas; (vv. 8-9) = 38 sílabas. À volta da estrofe central (III), agrupam-se harmoniosamente as II e IV (ambas com 27 sílabas), enquadrando finalmente o conjunto as estrofes I e V, que só diferem numa sílaba (37 contra 38). Seria uma estrutura do tipo A-B-C-B'-A'.¹⁵

D. N. Freedman reconhece as ligações de uma estrofe a outra e insinua mesmo que os vv. 1-4 constituem um bloco¹⁶. Mas talvez violente o trecho ao ligar o v. 4 aos vv. 5-6, argumentando que no v. 4 e no v. 6cd «sequential parts of speech are most identical»¹⁷. Ora a verdade é que as sublinhadas partículas אֵיךְ e לֹא-אִם pouco têm de «identical»; אֵלֶּהָ e נִשִּׁיר são, de facto, primeiras pessoas verbais, mas uma do plural e a outra do singular.

As linhas gerais do desenvolvimento lírico vão de Jerusalém, onde se situa provavelmente o autor recém-chegado do desterro, até Babilónia. Vêm à memória as agruras do exílio, as reuniões litúrgicas à beira dos canais, com o pensamento e a saudade a

¹² *O.c.*, pp. 905-908.

¹³ *The Structure of Psalm 137*, em H. GOEDICKE (ed.), *Near Eastern Studies in Honor of William Foxwell Albright*, Baltimore/London 1971, pp. 187-205.

¹⁴ *Ibid.*, p. 188.

¹⁵ *Ibid.*, p. 204.

¹⁶ *Ibid.*, p. 194: «The closing phrase of vs. 4, *al 'admat nekar*, evokes the similar *al* phrases in the opening unit (vss. 1-2) and summarizes them». O sublinhado é meu.

¹⁷ *Ibid.*, p. 195.

voarem para a cidade santa arruinada (v. 1). Vem à memória o dia terrível da catástrofe (v. 7). Jerusalém recordada e destruída emoldura as vivências de Babilónia: o emudecer das líras (v. 2), o escárnio dos pagãos e a recusa terminante de cantar Jerusalém em terra alheia (vv. 3-4). Daí às maldições contra os actores da destruição e do desterro (vv. 7-9) e contra o próprio autor, se, por impossível, alguma vez se esquecesse de Jerusalém (vv. 5-6)... é um passo, e bem ligeiro.

Se o género literário fosse óbvio, estaria dado um passo importante no sentido da delimitação da estrutura. Tal, porém, não acontece. O Sl 137 não se enquadra rigorosamente em nenhum dos géneros literários do saltério. Já se lhe chamou «balada», como se resultasse apenas da inspiração do autor. A verdade é que parece espelhar uma situação vital comunitária. A experiência de miséria e abandono plasmou-se em fórmulas próprias de lamentação colectiva, que se impregnaram nos indivíduos e desembocaram no estilete do poeta de Jerusalém¹⁸. A lamentação sobre a miséria vivida (vv. 1-2), a acusação implícita dos inimigos (vv. 3-4), a súplica («lembra-te» v. 7) são elementos formais da lamentação colectiva¹⁹. As maldições (vv. 8-9) aproximam-se da súplica. Para além do poder quase mágico da palavra, remete-se o castigo para as mãos de Deus. Aliás as maldições eram uma componente da lamentação (cfr. Lam 1, 20; 3, 64). A jura dos vv. 5-6 está a meio caminho entre as lembranças de Sião (vv. 1-4) e as súplicas explícitas (v. 7) ou implícitas (vv. 8-9). Faz de ponte entre um passado de choro e um desejado futuro de vingança. O esquecer Jerusalém é uma hipótese tão frágil e impossível que o poeta pode desejar para si todas as maldições imagináveis. Na estrutura da lamentação colectiva, a automaldição aproxima-se da súplica.

Pelos elementos formais da lamentação, teríamos dois blocos:

— evocação da angústia (vv. 1-4)

— súplica: vv. 7-9. Formalmente, só o v. 7 é súplica. Os vv. 8-9 são maldição.

Há que lançar mão de elementos linguísticos. Começemos pelos verbos.

Já que na lírica têm especial relevo a primeira e a segunda pessoa, ataquemos por aqui. Nos vv. 1-2 todos os verbos estão na primeira pessoa do plural: **ישבנו ... תלינו ... בבינו**. Os vv. 3-4

¹⁸ H. J. KRAUS, *o.c.*, p. 905.

¹⁹ Cf. C. WESTERMANN, *Der Psalter*, Stuttgart 1959, pp. 29-38.

introduzem o diálogo com um narrativo **שאלונו** (terceira pessoa do plural), a que se segue o imperativo **שירן** (segunda pessoa do plural) e de novo uma primeira pessoa do plural — **נשיר**. Os vv. 1-4 dão assim o aspecto de bloco compacto construído na base da primeira pessoa do plural — quatro formas verbais em seis e, curiosamente, a começar e a encerrar a unidade.

No v. 5, o poeta isola-se da comunidade plangente. O «nós» cede lugar ao «eu». Alterna a primeira pessoa com a terceira, em construção quiástica:

אשכחך ... תכחש
תדבק ... אזכרכי אעלה

Domina a primeira pessoa singular não só em quantidade (três ocorrências contra duas terceiras pessoas) mas também pela posição (a encetar e a encerrar a unidade). Os vv. 5-6 constituem inequivocamente um elemento estrutural definido.

O v. 7 está subordinado ao imperativo **זכר** da súplica. Talvez a forma tenha arrastado os outros imperativos **ערו ערו**, estes no plural e na boca dos Edomitas. Como que a insinuar: já que os Edomitas clamam «desnudai» clamo eu agora vingança contra eles: «lembra-te».

Finalmente, os vv. 8-9 interpelam directamente D. Babel («filha Babel», não «filha de Babel»), para logo a deixarem pairando no ar como «casus pendens». Não se diz nada a Babel nem de Babel. O pensamento voa célere para dois macarismos, em que a «bênção» do lexema se transforma em maldição. Os verbos estão na terceira pessoa do singular **ישלם ... יאחז ... נפץ**.²⁰

A análise das pessoas verbais leva à estruturação: vv. 1-4. 5-6. 7. 8-9.

Os «tempos» corroboram-na. Nos vv. 1-2 todos os verbos estão no perfeito: **תלינו ... בכינו ... שאלונו**. O diálogo dos vv. 3-4 faz depender o imperativo **שירן** e o imperfeito **נשיר** do perfeito **שאלונו**. Os vv. 5-6 só conhecem o imperfeito: **תכחש ... אשכחך ... אזכרכי ... אעלה**; O v. 7 só o imperativo: **ערו**. Os vv. 8-9 voltam ao imperfeito: **ישלם ... יאחז**, apenas perambulado pelo duvidoso perfeito **נמלת**. Dir-se-ia que a dinâmica

²⁰ **נמלת**, segunda pessoa singular, é duvidoso; cf. BH³ e H. J. KRAUS, *o. c.*, p. 904.

temporal arranca do passado concreto (vv. 1-4: Babilónia), detém-se vagamente no futuro mais que improvável da jura e respectivas consequências (vv. 5-6: «se eu de ti me esquecer...»), para concluir com um pedido (v. 7) e um desejo (vv. 8-9), de que se espera a concretização no futuro. O arco vai do passado vivido ao futuro que se desejaria viver, passando pelo presente/futuro da jura e do pedido.

A distribuição de advérbios, conjunções e interjeições leva à mesma estruturação. O **שם** (vv. 1-3) situa a acção dos quatro primeiros versículos em Babilónia. E, se dúvidas houvesse sobre a unidade do conjunto, bastaria a causal **כי** para as desfazer. Os vv. 3-4 dão uma das razões de «chorar» em Babilónia.

A jura assenta no condicional **אם** (vv. 5-6). A elegante construção quiástica faz saltar a praga para a cabeça do v. 6, como a reforçar a impossibilidade da sua verificação.

O v. 7 tem um advérbio de lugar **בה** («nela», em Jerusalém) e uma locução temporal **יום ירושלם** («dia de Jerusalém», o dia do assalto final, da queda, da destruição e saque).

Os vv. 8-9 dependem de dois plurais constructos, com valor de interjeição.

Daí a configuração estrutural:

vv. 1-4: **שם**

vv. 5-6: **אם**

v. 7: **בה ... יום ירושלם**

vv. 8-9: **אשרי**

A estilística do material sonoro (assonâncias e aliterações) é menos fértil. Seja-me lícito, no entanto, evocar as aliterações **שם** e **שב** que ligam os vv. 1 e 3, bem como **שיר** a marcar a construção sonora dos vv. 3-4. **שם** **שובינינו... שמחה** (v. 1) ecoa distintamente em **שם** **שם ישבנו** (v. 3). O **שיר** de v. 3a repercute-se em **שירו ... מזמיר** (v. 3a) e... **שיר יהודה** (v. 4).

Os vv. 5-6 começam com **אשכחך**, variam pouco depois para **ירושלם** (v. 5), prosseguindo com a aliteração invertida **תכחש** (v. 5) e com o duplo **ירושלם** do v. 6. Por outro lado, **שמחתי** e **ירושלם** como que arredondam todo o conjunto vv. 1-6, dando repouso ao movimento vibratório que vinha de **שם** (v. 1.3) e **שאלונו** (v. 3). O som mais usado em assonâncias e aliterações é o

é o **ש**, que, após a pausa do v. 7, volta a entrar em cena nos vv. 8-9:

v. 8 **חֲשׂוּדָה ... אֲשֶׁר ... שִׁשְׁלָם**

v. 9a **אֲשֶׁר שִׂיחָז**

À assonância *šad-šre-šall* (v. 8) sucede a aliteração **אש**, invertida em **שא**.

O v. 7 introduz o jogo sonoro do **ע/י**, juntando ao pedido de castigo a rudeza da gutural: **עַרְו עַרְו ... עַר הַיְסוּד**

Para além da assonância (*'ar-sad* temos a aliteração **עַר הַיְסוּד**.

A rematar e quase em eco do v. 7, vem o mesmo **ע** aliterado com **ל** no v. 9b:

אַתְּ-עַלְלִיד אֶל-הַסְּלַע

A estruturação sonora parece aproximar os vv. 5-6 dos vv. 1-4, fazendo uma incisão no v. 7. Daí:

vv. 1-6: aliteração de **ש**... **ש**... **ש**... **ש**... **ש**... **ש**...

v. 7: predominância de **ע**, em assonância e aliteração **אש**.

vv. 8-9a: assonância *šad-šre-šall*.

v. 9b: aliteração **א/ל**.

O resultado seria: vv. 1-6. 7. 8-9. O v. 7 aproxima-se estilisticamente dos dois seguintes.

Conjugando os critérios e dado que, como vimos atrás, há razão suficiente para separar os vv. 5-6 dos vv. 1-4, temos a seguinte estrutura no Sl 137:

vv. 1-4: agruras do desterro, com saudades de Sião, choro e insultos;

vv. 5-6: jura sobre Jerusalém;

v. 7: súplica;

v. 8-9: macarismos (continuação da súplica em roupagem formal diferente)¹⁶.

²¹ Confirma-se a divisão de M. Dahood e rejeita-se a de G. Castellino. É curioso como, sem referência aparente ao original hebraico, as divisões de T. le Blanc e A. Salgado Júnior se aproximam tanto do original.

II. Estrutura de Sôbolos Rios

<i>Vulgata</i>	<i>Sôbolos rios</i>
1 <i>Super flumina Babylonis illic sedimus et flevimus dum recordaremur Sion.</i>	1 <i>Sôbolos rios que vão Por Babilónia, me achei, Onde sentado chorei As lembranças de Sião E quanto nela passei.</i>
	46 <i>Como homem que, por exemplo, Dos transe em que se achou, Depois que a guerra deixou, Pelas paredes do templo Suas armas pendurou:</i>
2 <i>In salicibus in medio eius suspendimus organa nostra.</i>	51 <i>Assim, depois que assentei Que tudo o tempo gastava, Da tristeza que tomei Nos salgueiros pendurei Os órgãos com que cantava</i>
3 <i>Quia illic interrogaverunt nos, qui captivos duxerunt nos, verba cantionum: Et qui abduxerunt nos: Hymnum cantate nobis de canticis Sion.</i>	121 <i>Mas lembranças de aflição Que ali cativo me tinha, Me perguntaram então: Que era da música minha Que eu cantava em Sião?</i>
4 <i>Quomodo cantabimus canticum Domini in terra aliena?</i>	141 <i>Eu, que estas cousas senti Na alma, de mágoas tão cheia, Como dirá, respondi, Quem alheio está de si Doce canto em terra alheia?</i>

- 5 *Si oblitus fuero tui, Ierusalem, oblivioni detur dextera mea.*
- 181
Terra bem-aventurada,
Se, por algum movimento,
Da alma me fores mudada,
Minha pena *seja dada*
A perpétuo esquecimento.
- 6 *Adhaereat lingua mea faucibus meis, si non meminero tui: Si non proposuero Ierusalem, in principio laetitiae meae.*
- 196
A minha língua se apegue
As fauces, pois te perdi,
Se, enquanto viver assi,
Houver tempo em que te negue
Ou que me esqueça de ti.
- 7 *Memor esto, Domine, filiorum Edom, in die Ierusalem:*
- 281
No grão dia singular
Que na lira o douto som
Hierusalém celebrar,
Lembraí-vos de castigar
Os ruins filhos de Edom.
- Qui dicunt: Exinanite, exinanite usque ad fundamenta in ea.*
- 286
Aqueles que tintos vão,
No pobre sangue inocente
Soberbos co'o poder vão,
Arrasai-os igualmente,
Conheçam que humanos são.
- 291
E aquele poder tão duro
Dos afeitos com que venho
Que encendem alma e engenho;
Que me entraram o muro
Do livre alvídrio que tenho;
- 296
Estes, que tão furiosos
Gritando vêm escalar-me,
Maus espíritos danosos,
Que querem como forçosos
Do *alicerce* derrubar-me;

- 301
*Derrubai-os, fiquem sós,
 De forças fracos, imbeles;
 Porque não podemos nós
 Nem com eles ir a Vós,
 Nem sem Vós tirar-nos deles.*
- 8 *Filia Babylonis misera:*
 311
 E tu, ó carne que encantas
*Filha de Babel, tão feia,
 Toda de misérias cheia,
 Que mil vezes te levantas
 Contra quem te senhoreia,*
- beatus qui retribuet tibi retribu-*
tionem tuam, quam retribuisti
nobis.
 316
*Beato só pode ser
 Quem com a ajuda celeste
 Contra ti prevalecer
 E te vier a fazer
 O mal que lhe tu fizeste;*
- 9 *Beatus, qui tenebit*
 326
*E beato quem tomar
 Seus pensamentos recentes
 E em nascendo os afogar
 Por não virem a parar
 Em vícios graves e urgentes;*
- et allidet parvulos tuos ad pe-*
tram.
 331
*Quem com eles logo der
 Na pedra do furor santo
 E, batendo, os desfizer
 Na Pedra, que veio a ser
 Enfim cabeça do Canto;*

Não oferece o menor resquício de dúvida que Camões se inspirou no Sl 137.

Sóbolos rios percorre um a um os nove versículos da *Vorlage* latina, deixando-os na mesma ordem. Até a terminologia latina

influenciou o léxico de Camões, como se depreende das formas sublinhadas.

Outra questão é classificar a dependência. Comentário não é. Paráfrase se lhe tem chamado. Muito impropriamente, todavia. «Paráfrase é desenvolvimento, explicação e explanação do autêntico sentido dum texto, alargando-o, mas respeitando-o. (...) Ora Camões nem respeita o texto nem o sentido literal. Altera os versículos, apropria-os a discurso novo»²². A menos que entendêssemos a paráfrase à maneira dos Targumes e do Novo Testamento: explanação de um texto veterotestamentário em que o «odre velho» (a carcassa do material fonético) é preenchido com o «vinho novo» de outro conteúdo. Os rabinos compraziam-se nessas transfigurações actualizantes dos velhos textos. Jerusalém, capital bem radicada num ponto geográfico concreto, recebeu no Novo Testamento um conteúdo novo: Jerusalém celeste, nova Jerusalém, que desce do céu bela como uma noiva.

Sóbolos rios não anda longe. Toma o salmo, adere à sua letra com notável fidelidade, mas transfigura os sons, cria uma unidade de forma e conteúdo inteiramente original. Desaparece desde a primeira hora o «nós» das lamentações colectivas de Babilónia. Surge o «eu» da vivência íntima do poeta. Em vez do «nos sentávamos e chorávamos», «me achei» (2), «chorei» (3), «passei» (5). Aliás, Camões não precisou senão de alargar a liberdade do modelo. Como noutros passos da lírica cultural israelita (cf. Sl 44), há nos vv. 5-6 um «eu» que se desprende da comunidade. Camões estende o «eu» a toda a composição.

Ao contrário do que pretende Salgado Júnior²³, nunca o Sl 137 abandona o horizonte geográfico da Palestina. Sião é a cidade destruída pelos Babilónios em 587 a.C., a capital amada com o seu complexo de palácio e templo, trocada à força pelas planícies de Babel. Sem dúvida, Jerusalém diz muito mais para um judeu do que Lisboa para um português. Tem um nimbo de mistério, uma densidade mística envolvente (cf. Sl 122). Mas é lá, na Palestina, bem assente naquela montanha calcária. Nada no salmo revela os traços míticos que alguma tradição antiga (jebuseia)²⁴ ou pós-exílica

²² A. SALGADO JÚNIOR, *o. c.*, p. 6.

²³ *Ibid.*, pp. 13-14.

²⁴ Opinião de muitos investigadores, como G. VON RAD, *Theologie des Alten Testaments*, I, München 1962⁴, pp. 50-60, 80-82; II³, 1962, pp. 166 ss., 306; H. J. KRAUS, *o. c.* e *Gottesdienst in Israel*, 1962², p. 236; J. SCHREINER, *Sion-Jerusalem Jahwes Königssitz*, 1963.

como Sl 137²⁵ emprestou a Jerusalém, transportando-a para uns paradisíacos «confins do Aquilão» (Sl 48, 3) e banhando-a de uma torrente que não existe na geografia (Sl 46, 5).

Camões ignora a realidade geográfica. Ultrapassa-a e transfigura-a. Sião é «o tempo passado» (10), não o grandioso complexo de construções salomónicas onde se albergavam os serviços administrativos e a chancelaria do reino. Jerusalém é a «terra bem-aventurada» (181), «terra de Glória» (201), a «santa Cidade» (214), formada «na Pedra, que veio a ser/enfim cabeça do Canto» (334-335). Nem aqui o lírico precisou de inovar ou criar *ab ovo*. Bastou-lhe a familiaridade com o Novo Testamento, onde lia a «santa Cidade» e «cabeça do Canto», como apelativos de Jerusalém e de Jesus Cristo respectivamente. A maior novidade consistirá na conotação temporal de «Sião» — «mal presente» (10). Conotação que, aliás, em breve se esvai, pois todas as mágoas e saudades se narram e descrevem, como no salmo, em termos do passado.

Assim transfigurados, os versículos bíblicos são como temas de abertura musical desenvolvidos em compassos cada vez mais densos e mais ousados, crescendo na amplidão da liberdade poética e da profundidade estética.

Uma pergunta à margem: Terá Camões compulsado o original hebraico? Creio bem que não. É certo que o lírico mostra saber o significado atribuído no seu tempo a alguns topónimos hebraicos, como Babel (45, 269: «confusão») e Jerusalém (270: «visão da paz»). Mas para tanto bastava um pouco de cultura, da muita que exornava Camões. A influência do léxico da Vulgata é tão flagrante que dispensa outra hipótese de apoio directo. E o confronto do Texto Massorético com a Vulgata e com *Sôbolos rios* não só dispensa, mas exclui a hipótese do manuseio do texto hebraico. Sempre que a Vulgata se afasta do hebraico, *Sôbolos rios* está com aquela contra este. Uma tabela facilitará a comparação:

TM	Vulgata	Sôbolos rios
v. 2 על-ערבים «sobre os choupos»	<i>In salicibus</i>	<i>Nos salgueiros</i> (54)

²⁵ Assim pensa G. WANKE, *Die Zionstheologie der Korachiten* (BZAW 97), Berlin 1966, pp. 64-72, 109-113.

v. 5 תשבה	Oblivioni detur	...seja dada
«esqueça»		A... esquecimento(184-185)
v. 7 ערו	exinanite	Arrasai-os (289)
«desnudai»		Derrubai-os (301)
v. 8 בת-בבל	Filia Babylonis	Filha de Babel (312)
«Filha Babel»		

* *
*

Quanto é do meu conhecimento, nunca ninguém pôs em dúvida a unidade do salmo, quer o estudasse com base no Texto Massorético quer partindo da Vulgata. Qualquer que seja a interpretação, tem de se dizer o mesmo de *Sóbolos rios*.

Há uma inclusão-moldura a englobar toda a composição. Quatro redondilhas de comentário ao tema sugerido pelo v. 1 têm o seu correspondente no fim. A chave é «Ali»:

*Ali, o rio corrente
De meus olhos foi manado (6-7)*

*Ali, lembranças contentes
Na alma se representaram; (11-12)*

*Ali, depois de acordado,
Co rosto banhado em água;
Deste sonho imaginado,
Vi que todo o bem passado
Não é gosto, mas é mágoa. (16-20)*

*Ali vi o maior bem
Quão pouco espaço que dura; (26-27)*

Respondem duas estrofes do final:

*Ali achará alegria
Em tudo perfeita e cheia
De tão suave harmonia,
Que nem, por pouca, escasseia
Nem, por sobeja, enfastia.*

*Ali verá tão profundo
Mistério na suma Alteza,
Que, vencida a Natureza,
Os mores faustos do Mundo
Julgue por maior baixeza (345-355)*

Nesta unidade de conjunto, o processo estilístico da inclusão leva a destacar os versos 1 a 180, emoldurados nas «lembranças» ou «memórias de Sião» (180):

*Sóbolos rios que vão
Por Babilónia me achei,
Onde sentado chorei
As lembranças de Sião (1-4)*

*Porém se, pera assentar
O que sente o coração,
A pena já me cansar,
Não se canse para voar
A memória em Sião (176-180)*

Assim termina o tratamento dos vv. 1-4. Ou seja, à unidade de forma corresponde a do conteúdo.

O «esquecimento» do verso 185 é rematado pelo «me esqueça» do verso 200.

Distinguimos, por isso, o bloco 180-200:

*Terra bem-aventurada,
Se, por algum movimento,
Da alma me fores mudada,
Minha pena seja dada
A perpétuo esquecimento (181-185)*

*A minha língua se apegue
Às fauces, pois te perdi,
Se, enquanto viver assi,
Houver tempo em que te negue
Ou que me esqueça de ti! (196-200)*

Mais uma vez o conteúdo coincide com a forma: são os vv. 5-6 do salmo, enunciados e brevemente comentados.

Os versos 276 (pelo menos) a 310 formam outra unidade, envolvida pelo «Capitão» da Jerusalém celeste, «alta torre de Sião»:

*A vós só me quero ir,
Senhor e grão Capitão
Da alta torre de Sião (276-278)*

*Não basta minha fraqueza
Pera me dar defesa,
Se vós, santo Capitão,
Nesta minha fortaleza
Não puserdes guarnição (306-310)*

Aí está o v. 7.

A «carne» é palavra-chave da pequena unidade 311-325. À carne de Babel, que encanta e seduz, contrapõe-se a carne macerada do asceta, que apaga as «nódoas» «que já a carne na alma fez». Belo jogo de palavras, para além da inclusão:

*E tu, ó carne que encantas,
Filha de Babel, tão feia (311-312)*

*Quem com disciplina crua
Se fere mais que ãa vez,
Cuja alma, de vícios nua,
Faz nódoas na carne sua
Que já a carne na alma fez (321-325)*

É o v. 8, ao menos em parte.

A partir do verso 326 não apreendo mais nenhuma inclusão evidente. Mas talvez que o «entendimento» (344) em ascensão para o «mundo inteligível» (345) repouse no «entendimento» (359) de quem «em ti se achar»:

*Quem do vil contentamento
Cá deste mundo visível,
Quanto ao homem for possível
Passar logo o entendimento
Pera o mundo inteligível (341-345)*

*Ó tu, divino aposento,
 Minha pátria singular,
 Se só com te imaginar
 Tanto sobe o entendimento
 Que fará, se em ti se achar? (356-360)*

Só que a primeira estrofe não está no início do desenvolvimento dos temas sugeridos pelos vv. 8-9, nem a segunda o encerra. Além disso, nas proposições relativas começadas por «quem» (336, 338, 341, 344) já ressoam os acordes finais. Aí temos o sujeito/condição do que se afirma nas duas estrofes começadas por «ali» (346-350; 351-355). E já vimos que estes versos, além de rematarem tematicamente o desenvolvimento que partia do v. 9 adaptado, concluem todo o poema com a técnica da inclusão.

Isoladas as unidades 1-180, 181-200, 271-310 e 311-325, há que aprofundar a análise dentro e para além de cada uma delas.

O v. 1 dá o tema aos versos 1-45: enunciado nos versos 1-5, desenvolvido em 6-45. Palavra-chave é «rios». As lembranças voltam a ocorrer no verso 11. Mas os rios caracterizam o desenvolvimento com uma inclusão:

*Ali o rio corrente
 De meus olhos foi manado (6-7)*

*Bem são rios estas águas
 Com que banho este papel:
 Bem parece ser cruel
 Variedade de mágoas
 E confusão de Babel (41-45).*

A abertura 46-55 tem o v. 2 por base. A primeira redondilha é um símile, que só no último verso deixa cair o «pendurou» do salmo. O sujeito é sempre o «eu» do lírico, presente em quatro dos cinco versos da redondilha 51-55: «assentei», «tomei», «pendurei», «cantava».

O desenvolvimento prossegue num admirável rasgo lírico. Em breve se deixa a primeira pessoa, para se interpelar directamente o «instrumento ledo» (56), a «música amada» (58), a «frauta minha» (61), «frauta de mim tão querida» (83). Só no verso 86 se

passa a uma reflexiva terceira pessoa, para concluir as últimas quintilhas (111-120) com um regresso à primeira pessoa.

Ao contrário do que afirma Salgado Júnior²⁶, o desenvolvimento do tema pedido ao v. 2 só termina no v. 120. Mais uma vez a estrutura é inclusiva:

Nos salgueiros *pendurei*
 Os órgãos *com que cantava*. (54-55: tema)
 Orgãos e *fruta deixava*,
 Despojo meu tão *querido*
 No salgueiro *que ali estava*
 Que *pera troféu ficava*
 De quem me *tinha vencido* (116-120: desenvolvimento)

O «troféu» evoca ainda «as armas» (50) penduradas «pelas paredes do templo» (44) depois da guerra.

A sequência das pessoas verbais faz do desenvolvimento uma estrutura emoldurada na primeira pessoa do singular:

Primeira pessoa (56-57): «deixei» (57).

Segunda pessoa (58-85): «fazíeis» (61), «estáveis» (62), «fareis» (71), «poreis» (74), «moveréis» (76), «podereis» (77), «puderdes» (79), «ficareis» (81).

Terceira pessoa: todas as formas verbais dos versos 86-110, com excepção de «veja» (92) e dos verbos de 109-110, que fazem a transição para a conclusão.

Primeira pessoa (111-120): *tendré* (114), *muelo* (115) «deixava» (116).

O v. 3 é glosado em 121-125²⁷. A palavra fundamental, como já no diálogo entre Isrealitas e Babilónios, é «cantar», como substantivo (126: «aquele cantar») e sobretudo como verbo: «canta o caminhante ledó» (131), «cantando, refreia o medo» (135), «canta o preso docemente (136) «canta o segador contente» (138) «e o trabalhador cantando/o trabalho menos sente» (139-140).

Vem a glosa (141-145) do intimamente ligado v. 4 e logo segue o desenvolvimento, que ao próprio versículo dá apenas uma redondilha (146-150). Os versos seguintes, não esquecendo de todo o v. 4, deixam cair tons evocadores dos vv. 1-3 por ordem decres-

²⁶ O. c., pp. 119-120.

²⁷ Não em 116-125, como pretende A. SALGADO JÚNIOR, *ibid.*.

cente, até rematar na grande inclusão do bloco 1-180: «a memória em Sião». É o verbo «cantar» que não se cansa de retinir e mistura o v. 4 na evocação dos outros três:

Como poderá cantar (146)

*Que cantasse em Babilónia
As cantigas de Sião (154-155)*

Nas «cantigas de Sião» ecoa o v. 3.

*Antes moura de tristeza
Que, que por abrandá-la, cante (159-160)*

Nem na fruta cantarei (166)

Nesta «fruta» sopram os «órgãos» do v. 2.

As subdivisões da unidade são, portanto:

- 1-45: enunciação (1-5) e desenvolvimento (6-45) do tema sugerido pelo v. 1.
- 46-120: enunciação (46-55) e desenvolvimento (56-120) do tema sugerido pelo v. 2.
- 121-140: enunciação (121-125) e desenvolvimento (126-140) do tema sugerido pelo v. 3.
- 141-150: enunciação (141-145) e desenvolvimento (146-150) do tema sugerido pelo v. 4.
- 151-180: desenvolvimento lírico com alusões lexicais aos vv. 1-3 por ordem decrescente.

Na unidade 181-200 é de notar a construção quiástica, com o pequeno desenvolvimento enquadrado na enunciação dos temas. No salmo, ordenava-se crime (hipotético) / castigo × castigo / crime (hipotético). Em *Sóbolos rios*:

- 181-190: enunciação (181-185) e comentário breve (186-190) do tema sugerido pelo v. 5.
- 191-200: comentário (191-195) e enunciação (196-200) do tema sugerido pelo v. 6.

Os versos 201-270 não são um «desenvolvimento de adaptação do versículo 6»²⁸, mas um voo lírico, onde afloram expressões do salmo de mistura com as vivências místicas e platônicas de Camões. No que vem ao nosso tema, o salmo, há ecos do v. 1 na

saudade

Das terras onde nasceu (211-212);

do v. 2 em

Fique logo pendurada
A frauta com que tangi (251-252);

do v. 3 em

E os que cá me cativaram (226)

Destes o mando tirano
Me obriga, com desatino,
A cantar, ao som do dano,
Cantares de amor profano (231-234)

Não cativo e ferrolhado
Na Babilónia infernal (256-257)

do v. 4 em

Como hei-de cantar o canto
Que só se deve ao Senhor? (239-240)

Não descortino nem um eco dos vv. 5-6, os mais pessoais do salmo, para além de «terra de Glória» (201). A situação dramática de Babilónia é que fornece um excelente paradigma para o estado da alma com saudades da «terra de Glória» (201), da «pátria divina» (210) de que neste mundo não se tem mais do que a «reminiscência» e a «saudade». Daí as insistentes alusões ao «cativar» (226) e «cativo» (256). Só a «pátria minha natural» (260) merece ser cantada:

E tome a lira dourada
Pera só cantar de ti (254-255)

²⁸ Contra A. SALGADO JÚNIOR, *ibid.*, p. 24.

Logo, este bloco compreende: 181-200 — tema e comentário breve com base nos vv. 5-6; 201-270 — saudades do céu no cativo desta vida, com alusões terminológicas à descrição do exílio em Sl 137, 1-4.

Na pequena introdução à terceira unidade retomam-se os vv. 3-4 com:

*Que do mal que já cantei
A palinódia já canto. (274-275).*

Segue-se uma prece ao «grão Capitão» (276-280) e só depois se adapta o v. 7. Com uma diferença notável, todavia, em relação ao tratamento dos versículos anteriores.

Se v. 7a é adaptado com concisão numa só redondilha (281-285), como os vv. 1-6, já o v. 7b se dispersa pelo desenvolvimento platónico (286-310). Não se observa distinção nítida entre enunciação e desenvolvimento do tema. «Arrasai-os» (289), «alicerce» (300) e «derrubai-os» (301) da fraseologia da Vulgata navegam na onde mística do desenvolvimento platónico. Ao contrário, os versos 281-285 são quase paráfrase estrita do v. 7a. Se o «dia de Jerusalém» deixou de ser a jornada fatídica de Julho de 587 a.C.²⁹, para se tornar no «grão dia singular / que na lira o douto som / Hierusalém celebrar» (281-283), a proposição fundamental (284-285: «lembrai-vos de castigar / os ruins filhos de Edom») não acrescenta uma vírgula ao sentido literal do salmo. Apenas explicita o «castigar» contido no «lembrai-vos»³⁰.

Divido, portanto, o bloco 276-310 em três partes:

276-280: introdução do v. 7a

281-285: adaptação do v. 7a

286-310: desenvolvimento com elementos lexicais do v. 7b.

²⁹ Data defendida por M. NOTH, *Geschichte Israels*, Göttingen 1969, p. 258 e J. BRIGHT, *A History of Israel*, London 1966 (fourth impression), p. 309. Segundo S. HERRMANN, *Geschichte Israels in alttestamentlicher Zeit*, München 1973, p. 347 a queda de Jerusalém deu-se no Verão de 586 a.C. (trad. esp., *Historia de Israel en la época del Antiguo Testamento*, Salamanca 1979, p. 363).

A discussão continua. Por 587 a.C.: E. KUTSCH, *Das Jahr der Katastrophe 587 v. Chr. Kritische Erwägungen zu neueren chronologischen Versuchen*, em Bib 55 (1974) 520-545. Por 586 a.C.: E. VOGT, *Die neubabylonische Chronik über die Schlacht von Karkemisch und die Einnahme von Jerusalem*, VTS 4, 1957, pp. 67 ss; *Bemerkungen über das Jahr der Eroberung Jerusalems*, em Bib 56 (1975) 223-230; A. MALAMAT, *The Last Kings of Judah and the Fall of Jerusalem*, em IEJ 18 (1968) 136-156; entrada na cidade a 18 de Julho de 586 a.C. e destruição do templo a 14 ou 17 de Agosto do mesmo ano; M. WEIPPERT, *Fragen des israelitischen Geschichtsbewusstseins*, em VT 23 (1973) 438 n. 1.

³⁰ Para esta acepção de *zakar* cf. W. SCHOTTROF, *zkr, gedenken*, em E. JENNI/C. WESTERMANN, (ed.), *Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament*, I, München 1971, col. 507-518, sobretudo col. 515.

Os vv. 8-9, uma estrofe no Sl 137, são aparentemente distribuídos em duas unidades autónomas de *Sóbolos rios*. O v. 8 delimita-se claramente por uma inclusão, como atrás demonstrei. Um desenvolvimento, posto que breve (321-325), separa-o do v. 9. Só podemos considerar as adaptações e desenvolvimentos dos vv. 8-9 como uma unidade, se os dois forem comentados em conjunto. É o que se dá.

A destruição de Babel (v. 8) transformou-se na maceração da «carne» (324-325: duas vezes) e no combate dos seus «vícios» (323). Vem a fraseologia do v. 9, dispersa por duas estrofes (326-335) e a inflexão da «carne» aos «pensamentos recentes» (326). Quando se chega, porém, ao desenvolvimento (a partir do verso 336), misturam-se os dois motivos:

*Quem logo, quando imagina
Nos vícios da carne má,
Os pensamentos declina
Aquela carne divina
Que na cruz esteve já (336-340)*

«Vícios da carne» comentam o v. 8; «os pensamentos» ligam-se ao v. 9. Como se se adoptasse a profissão do Decálogo: acções («carne») do sexto mandamento e «pensamentos» do nono.

Os vv. 8-9 são, pois, tratados como uma unidade. No desenvolvimento até se nota a semelhança formal. A chave é o «beato quem» correspondente a *beatus qui* (אשרי ש).

«Beato... / quem... / ... te vier a fazer o mal que tu fizeste» (316-320) pôde-se aplicar despreocupadamente à «filha de Babel». Mas agarrar e esfacelar os bebés contra a rocha era duro de mais. O lírico deixa o «beato quem tomar» (326) e «quem logo der / na Pedra» (331-332) do salmo, mas interpõe sem demora um complemento mais aceitável: «seus pensamentos recentes» (327). Sujeito, predicativo, verbo tomam-se ao salmo. Com a interposição do novo complemento adquire-se um sentido e uma dinâmica inteiramente novos. Até no v. 8 a retribuição do mal com o mal é orientada noutro sentido:

*Quem com disciplina crua
Se fere mais que ãa vez (321-322)*

Mais ainda no v. 9:

*E beato quem tomar
Seus pensamentos recentes (326-327)*

Quem com eles logo der

Na Pedra... (331-332)

Quem...

Os pensamentos declina (336-338)

Quem...

...

...

Passar logo o entendimento (341-344)

Temos, por conseguinte uma unidade nos versos 311-355.

Ocorre, por último, perguntar: 1) se as quatro divisões encontradas não se deixam enquadrar em unidades maiores; 2) onde meter as estrofes finais (356-365).

Salgado Júnior³¹ reconhece três unidades principais: 1-180; 181-270; 271-365. Com os fundamentos precários da suposta estrutura do salmo e nenhum tratamento formal das redondilhas camonianas.

Vimos que o processo estilístico da inclusão exige o reconhecimento de três unidades: 1-180; 181-200; 276-310; e critérios vários de forma e conteúdo identificam a quarta em 311-355.

Ainda não sabemos onde inserir os versos 201-275. Não se podem classificar, sem mais, como comentário ao tema sugerido pelos vv. 5-6. Só o desenvolvimento (platónico ou místico cristão) o justificaria. A fraseologia, ao contrário, evoca largamente os vv. 1-4. Dá a impressão que os versos 1-275 são um grande bloco, enunciando e desenvolvendo temas sugeridos pelos vv. 1-6 do salmo. A inclusão velada, mas suficientemente clara para quem conhecer o significado dos termos, com que fecham os versos 268-270, faz da impressão certeza:

*Sôbolos rios que vão
Por Babilónia me achei,
Onde sentado chorei
As lembranças de Sião (1-5)*

³¹ O. c., pp. 10-15.

Cale-se esta confusão (Babilónia)
Cante-se a visão da paz (Jerusalém/Sião).

Só uma redondilha (271-275) fica suspensa, à espera de enquadramento. A. Salgado Júnior liga-a à seguinte, vendo no conjunto (271-280) «uma espécie de invocação e de dedicatória da terceira parte»³². Porém, apenas na segunda redondilha há propriamente invocação («Senhor e grão Capitão»). Aqui fala o poeta de si — todos os verbos estão na primeira pessoa do singular. Ao contrário, na primeira (271-275) todos os verbos estão na terceira pessoa do singular: exprime-se um desejo ou segreda-se um desabafo, cujo destinatário último é o «pastor e rei», não o «grão Capitão». Como ainda não se apagaram os ecos da primeira grande unidade («cantei» e «canto» evocadores dos vv. 3-4 do salmo), parece estarmos diante do remate das divagações e lembranças de Sião expressas até aqui.

São, por conseguinte, dois os grandes blocos:

A — 1-275

B — 276-365

As duas estrofes finais concluem imediatamente a unidade maior B. Mas, porque na «minha pátria singular» (357) retine quase *ipsis verbis* a «pátria minha natural» (260) da unidade A, porque o impulso vital para a «terra bem-aventurada» (181), ou «terra de Glória» (281) repousa em augúrio na «terra excelente» (362) e porque já os dois «ali» (346-351) respondem aos do início (6, 11, 16, 26), o mais lógico é ver nas estrofes finais a conclusão de todo o poema. Como nas «Paixões» de Bach, apagam-se as linhas melódicas do recitativo e das árias, ergue-se o coro e finaliza:

*Ó tu, divino aposento,
 Minha pátria singular,
 Se só com te imaginar
 Tanto sobe o entendimento,
 Que fará, se em ti se achar?*

*Ditoso quem se partir
 Pera ti, terra excelente,
 Tão justo e tão penitente,
 Que, depois de a ti subir,
 Lá descanse eternamente!* (356-365)

³² *Ibid.*, p. 27.

Que diferença da situação de Babilónia! Aí «me achei» em lágrimas e prantos, escarnecido e humilhado. Quem na outra «pátria» «se achar», «ditoso... lá decanse eternamente».

Tal seria a estrutura de *Sóbolos rios*:

A	}	I	<table style="border-collapse: collapse;"> <tr><td style="padding-right: 5px;">v. 1:</td><td>1-5+6-45</td></tr> <tr><td style="padding-right: 5px;">v. 2:</td><td>46-55+56-120</td></tr> <tr><td style="padding-right: 5px;">v. 3:</td><td>121-125+126-140</td></tr> <tr><td style="padding-right: 5px;">v. 4:</td><td>141-145+146-150</td></tr> <tr><td style="padding-right: 5px;">vv. 1-4:</td><td>151-180</td></tr> </table>	v. 1:	1-5+6-45	v. 2:	46-55+56-120	v. 3:	121-125+126-140	v. 4:	141-145+146-150	vv. 1-4:	151-180
v. 1:	1-5+6-45												
v. 2:	46-55+56-120												
v. 3:	121-125+126-140												
v. 4:	141-145+146-150												
vv. 1-4:	151-180												
vv. 1-6	}	II	<table style="border-collapse: collapse;"> <tr><td style="padding-right: 5px;">vv. 5-6:</td><td>181-200</td></tr> <tr><td style="padding-right: 5px;">vv. 1-4:</td><td>201-270</td></tr> </table>	vv. 5-6:	181-200	vv. 1-4:	201-270						
vv. 5-6:	181-200												
vv. 1-4:	201-270												
			Conclusão: 271-275.										

B	}	III	<table style="border-collapse: collapse;"> <tr><td style="padding-right: 5px;">Introdução:</td><td>276-280</td></tr> <tr><td style="padding-right: 5px;">v. 7:</td><td>281-285+286-310</td></tr> </table>	Introdução:	276-280	v. 7:	281-285+286-310		
Introdução:	276-280								
v. 7:	281-285+286-310								
vv. 7-9	}	IV	<table style="border-collapse: collapse;"> <tr><td style="padding-right: 5px;">v. 8:</td><td>311-320+321-325</td></tr> <tr><td style="padding-right: 5px;">v. 9:</td><td>326-335</td></tr> <tr><td style="padding-right: 5px;">vv. 8-9:</td><td>336-355</td></tr> </table>	v. 8:	311-320+321-325	v. 9:	326-335	vv. 8-9:	336-355
v. 8:	311-320+321-325								
v. 9:	326-335								
vv. 8-9:	336-355								

Conclusão geral: 356-365

Os blocos A e B diferem tanto na extensão (275 contra 80 versos) como na arquitectura. Sem introdução, entra-se *ex abrupto* na situação vivida junto aos rios de Babilónia. I e II são dois planos de «lembranças» (4) / «memória» (180) e de «reminiscência» (205) / «saudade» (211).

A lembrança / memória de Sião (I) já não é memória (204: «Não me lembras na memória») mas sim «reminiscência» (205) e «saudade» (211 — II).

*do céu,
Daquela santa Cidade
De onde esta alma descendeu (213-215)*

São como que dois compartimentos do mesmo templo: um vestíbulo muito aberto para o cenário profano (I) e um santuário interior, onde se respira uma atmosfera divina (II). Os versos 151-180 são uma espécie de conclusão de I. Os versos 201-275 saltam todas as margens do riozinho místico que nascia manso na adaptação dos vv. 5-6.

B desenvolve-se igualmente em dois planos: castigo dos Edomitas/maus espíritos (III) e macarismos sobre quem aniquilar Babilônia/vícios da carne (IV). Não se entra *ex abrupto*. Um voo místico até ao «grão Capitão» prepara e atenua a raiva dos desejos de vingança. É uma espécie de *arsis* que só repousa na *thesis* com que conclui IV (336-355). E assim nasce uma estrutura tripartida a-b-á: introdução-desenvolvimento-conclusão.

A estrutura obriga a outra consideração. Em A reina grande coesão no enunciar dos temas: cada versículo é sintetizado numa única redondilha (mesmo o v. 2 só é adaptado nos versos 51-55). Com B entra a dispersão: v. 7b espalha-se por três estrofes (286-300), numa mistura de enunciação e desenvolvimento; o v. 8 por duas (311-320); e o v. 9 por outras tantas (326-335).

Conclusão

O apego de *Sóbolos rios* ao texto base denota-se já na reprodução desses vocábulos de tempo, lugar, etc., conotativos da estrutura hebraica. O $\square\psi$, latim *illic*, característico dos vv. 1-4, é repetido até à saciedade no desenvolvimento lírico da primeira estrofe: «Ali... Ali... Ali... Ali» (6, 11, 16, 26).

No v. 3 aparecia novamente o $\square\psi$. Também na adaptação camoniana escorrega um «Que *ali* cativo me tinha» (122). Mera coincidência ou efeito, consciente ou não, da *Vorlage* latina?

O $\square\aleph$, latim *si*, dos vv. 5-6 é reproduzido em duas das três vezes:

Se, por algum movimento
Da alma me fores tirada (182-183)

Se, enquanto viver assi,
Houver tempo em que te negue
Ou que me esqueça de ti. (198-300)

A primeira proposição condicional traduz-se livremente no «se de ti me esquecer» do v. 5. Já a segunda, embora inserida em fraseologia do v. 6, deixa as ideias do salmo para voltar, em inclusão, ao v. 5.

Da locução temporal «dia de Jerusalém» (v. 7) aproveitou-se a carcassa dos vocábuos e preencheu-se de novo conteúdo.

Finalmente, o plural constructo אֲשֵׁרִי reaparece as mesmas duas vezes:

Beato só pode ser (316: v. 8)

E beato quem tomar (326: v. 9)

A estrutura de *Sóbolos rios* terá pouco a ver com esta coincidência de meia dúzia de vocábulos, dispersos por trezentos e sessenta e cinco versos.

Importa, sim, o travejamento global. Hemos de confessar que as duas grandes secções desiguais A e B correspondem mal à estrutura do salmo. O único fundamento para essa divisão seria a estilística do material sonoro (assonâncias e aliteraões) só perceptível no original hebraico a que Camões não mostra ter acesso.

Nas divisões I-IV é que o acordo é perfeito. Às quatro estrofes desiguais do Sl 137 correspondem outras tantas unidades: 1-180 (vv. 1-4); 181-200 (vv. 5-6); 281-310 (v. 7); 311-355 (vv. 8-9). Surpreende a magreza da unidade correspondente aos vv. 5-6. Surpreende menos, mas não deixa de se evidenciar, a desigualdade das duas secções maiores: A — 275 versos; B — 80. É certo que A adapta seis versículos e B apenas três. Mas a desproporção continua a ser flagrante: enquanto cada um dos vv. 1-6 inspira em média quarenta e cinco versos de *Sóbolos rios*, os últimos três (vv. 7-9) contentam-se com pouco mais de metade (26). Ausência de motivos líricos nos vv. 8-9? Certamente que não, pois não só o eterno-cíclico-mitológico da Natureza, mas também o temporal — contínuo — humano da História, não só a euforia das vivências felizes mas também o travo amargo do sofrimento, do desespero e da raiva se podem moldar em versos líricos. O conteúdo moral é que parece ter embaraçado Camões. As explosões de raiva do salmista não interpelavam o cristão e o humanista da mesma maneira e no mesmo grau que as saudades de Sião.

Idêntica é a dinâmica temporal das duas composições: o salmo arranca do passado de Babilónia (vv. 1-4), paira num futuro hipotético-irreal (vv. 5-6), descansa no futuro provável do castigo do inimigos; *Sóbolos rios* parte do passado/Babilónia (1-180), toca ligeiramente no futuro hipotético-irreal (181-200) e demora-se longamente na «saudade/das terras onde nasceu» (211-212), ou seja, da nova Sião, Jerusalém celeste (201-365). Jerusalém vingada passa a Jerusalém amada e desejada. Jerusalém terrestre torna-se a nova Jerusalém das Escrituras cristãs. As saudades inatas dessa «pátria natural» (201-270) indicam um caminho a percorrer. Urge tomá-lo corajosamente, arrasando ou derrubando «maus espíritos danosos» (298) e o «poder tão duro/dos afeitos» (291-292), combatendo os «vícios da carne má» (337), afogando à nascença os «pensamentos» (326) que estorvem o impulso natural para a «pátria singular» (357). Só assim corresponderá ao presente/passado de desterro o futuro da glória na «terra excelente» (360).

Há uma certa dimensão arquitectónica. Ao ápice dos versos 181-200 respondem de um lado cento e oitenta versos de «mal presente» (formulado embora no passado) e, de outro, cento e sessenta e cinco em progressão contínua para a almejada «alegria/ /...perfeita e cheia» (346-347) da «pátria natural» (260). Também nisto há alguma semelhança com o salmo, onde os vv. 5-6, fazem de ponte entre o passado e o futuro. Do fundo da lamentação colectiva, esses versículos emergem como um cântico de Sião³³.

Numa palavra: a estrutura literária de *Sóbolos rios* corresponde, em larga medida, à do Sl 137*.

JOSÉ NUNES CARREIRA

³³ Cf. H. J. KRAUS, *o.c.*, p. 907.

* Este estudo é anterior à data da publicação de J. MAIA, *Estrutura de «Sóbolos rios»*, em *Brotéria* 110, 7-9 (Julho-Setembro de 1980), pp. 179-182. Apesar da semelhança parcial dos títulos, os conteúdos são tão divergentes que em nada alteram a conclusão a que cheguei.

Igualmente posterior é P. AUFRET, *Essai sur la structure littéraire du psaume 137*, em *ZAW* 92 (1980) 346-377.

APÊNDICE

Estrutura de «Sôbolos rios»

A — Saudades de Sião

I

Na Babilónia do «mal presente»

1. a) *Tema* (Sl 137, 1)
- Sôbolos rios que vão
 Por Babilónia, me achei,
 Onde sentado chorei
 As lembranças de Sião
 5 E quanto nela passei.
- O mal que depressa vem,
 E quão triste estado tem
 30 Quem se fia da ventura.
- Vi aquilo que mais vale,
 Que então se entende melhor,
 Quanto mais perdido for;
 Vi o bem suceder mal
 35 E, ao mal, muito pior.
- b) *Desenvolvimento*
- Ali, o rio corrente
 De meus olhos foi manado;
 E, tudo bem comparado,
 Babilónia ao mal presente,
 10 Sião ao tempo passado.
- E vi com muito trabalho
 Comprar arrependimento.
 Vi nenhum contentamento,
 E vejo-me a mim, que espalho
 40 Tristes palavras ao vento.
- Ali, lembranças contentes
 Na alma se representaram;
 E minhas cousas ausentes
 Se fizeram tão presentes
 45 E confusão de Babel.
- 15 Como se nunca passaram.
2. a) *Tema* (Sl 137, 2)
- Ali, depois de acordado,
 Co rosto banhado em água;
 Deste sonho imaginado,
 Vi que todo o bem passado
 20 Não é gosto, mas é mágoa.
- Como homem que, por exem-
 [plo,
 Dos tranes em que se achou,
 Depois que a guerra deixou,
 Pelas paredes do templo
 50 Suas armas pendurou;
- E vi que todos os danos
 Se causavam das mudanças
 E as mudanças dos anos:
 Onde vi quantos enganos
 25 Faz o tempo às esperanças.
- Assim, depois que assentei
 Que tudo o tempo gastava,
 Da tristeza que tomei,
 Nos salgueiros pendurei
 55 Os órgãos com que cantava.
- Ali vi o maior bem
 Quão pouco espaço que dura;

b) *Desenvolvimento*

Aquele instrumento ledó
Deixei da vida passada,
Dizendo: — Música amada,
Deixo-vos neste arvoredó,
60 À memória consagrada.

Frauta minha que, tangendo,
Os montes fazíeis vir
Pra onde estáveis correndo,
65 Tornavam logo a subir,
E as águas, que iam descendo,

Jamais vos não ouvirão
Os tigres, que se amansavam;
E as ovelhas que pastavam
Das ervas se fartarão
70 Que por vos ouvir deixavam.

Já não fareis docemente
Em rosas tornar abrolhos
Na ribeira florescente;
Nem poreis freio à corrente,
75 E mais se for dos meus olhos.

Não movereis a espessura,
Nem podereis já trazer
Atrás vós a fonte pura,
Pois não pudestes mover
80 Desconcertos da ventura.

Ficareis oferecida
À Fama, que sempre vela,
Frauta de mim tão querida;
Porque, mudando-se a vida,
85 Se mudam os gostos dela.

Acha a tenra mocidade
Prazeres acomodados,
E logo a maior idade
Já sente por pouquidade
90 Aqueles gostos passados,

Um gosto que hoje se alcança,
Amanhã já o não vejo:
Assim nos traz a mudança
Da esperança em esperança
95 E de desejo em desejo.

Mas em vida tão escassa
Que esperança será forte?
Fraqueza de humana sorte,
Que quanto da vida passa
100 Está recitando a morte!

Mas deixar nesta espessura
O canto da mocidade!
Não cuide a gente futura
Que será obra da idade
105 O que é força da ventura.

Que idade, tempo, o espanto
De ver quão ligeiro passe,
Nunca em mim puderam tanto
Que, posto que deixe o canto,
110 A causa dele deixasse.

Mas em tristezas e nojos,
Em gosto e contentamento,
Por sol, por neve, por vento,
Tendré presente á los ojos
115 *Por quien muero tan contento.*

Órgãos e frauta deixava,
Despojo meu tão querido,
No salgueiro que ali estava,
Que pera troféu ficava
120 De quem me tinha vencido.

3. a) *Tema* (Sl 137, 3)

Mas lembranças da afeição
Que ali cativo me tinha,
Me perguntaram então:
Que era da música minha
125 Que eu cantava em Sião?

b) *Desenvolvimento*

Que foi daquele cantar
Das gentes tão celebrado?
Porque o deixava de usar?
Pois sempre a ajuda a passar
130 Qualquer trabalho passado.

Canta o caminhante ledó
No caminho trabalhoso,
Por entre o espesso arvoredó;

135 E de noite o temeroso
Cantando, refreia o medo.

Canta o preso docemente,
Os duros grillhões tocando;
Canta o segador contente,
E o trabalhador, cantando,

140 O trabalho menos sente.

4. a) *Tema* (Sl 137, 4)

Eu, que estas cousas senti
Na alma, de mágoas tão cheia,
Como dirá, respondi,
Quem alheio está de si

145 Doce canto em terra alheia?

Desenvolvimento

Como poderá cantar
Quem em choro banha o peito?
Porque, se quem trabalhar
Canta por menos cansar,
150 Eu só decansos enjeito.

Conclusão (Sl 137, 1-4)

Que não parece razão
Nem parece coisa idónea
Por abrandar a paixão
Que cantasse em Babilónia

155 As cantigas de Sião.

Que, quando a muita graveza
De saudade quebrante
Esta vital fortaleza,

160 Que, por abrandá-la, cante.

Que, se o fino pensamento
Só na tristeza consiste,
Não tenha medo ao tormento:
Que morrer de puro triste,
165 que maior contentamento?

Nem na fruta cantarei
O que passo e passei já,
Nem menos o escreverei;
Porque a pena cansará

170 E eu não descansarei.

Que, se vida tão pequena
Se acrescenta em terra estra-
[nha

E se Amor assim o ordena,
Razão é que canse a pena
175 De escrever pena tamanha.

Porém se, pera assentar
O que sente o coração,
A pena já me cansar,
Não canse para voar
180 A memória em Sião.

II

«Na Babilónia infernal» desta vida

1. a) *Tema desenvolvido* (Sl 137, 5-6)

Terra bem-aventurada,
Se, por algum movimento,
Da alma me fores mudada,
Minha pena seja dada

185 A perpétuo esquecimento.

A pena deste desterro,
Que eu mais desejo esculpida
Em pedra ou em duro ferro,
Essa nunca seja ouvida,

190 Em castigo do meu erro.

E se eu cantar quiser,
Em Babilónia sujeito,
Hierusalém, sem te ver,
A voz, quando a mover,
195 Se me congele no peito.

A minha língua se apegue
Às fauces, pois te perdi,
Se, enquanto viver assi,
Houver tempo em que te
[negue

200 Ou que me esqueça de ti!

B — Castigo dos inimigos

III

«Filhos de Edom» / «Maus Espíritos»

Introdução

A vós só me quero ir,
 Senhor e grão Capitão
 Da alta torre de Sião,
 À qual não posso subir,
 280 Se me vós não dais a mão.

Tema (Sl 137, 7a)

No grão dia singular
 Que na lira o douto som
 Hierusalém celebrar,
 Lembrai-vos de castigar
 285 Os ruins filhos de Edom.

Tema desenvolvido (Sl 137, 7b)

Aqueles que tintos vão
 No pobre sangue inocente,
 Soberbos co'o poder vão,
 Arrasai-os igualmente,
 290 Conheçam que humanos são.

E aquele poder tão duro
 Dos afeitos com que venho,
 Que encendem alma e egenho;
 Que já me entraram o muro
 295 Do livre alvídrio que tenho;

Estes, que tão furiosos
 Gritando vêm a escalar-me,
 Maus espíritos danosos,
 Que querem como forçosos
 300 Do alicerce derrubar-me;

Derrubai-os, fiquem sós,
 De forças fracos, imbeles;
 Porque não podemos nós
 Nem com eles ir a Vós,
 305 Nem sem Vós tirar-nos deles.

Não basta minha fraqueza
 Para me dar defensão,
 Se Vós, santo Capitão,
 Nesta minha fortaleza
 310 Não puserdes guarnição.

IV

«Filha de Babel» / «Vícios da Carne»

1. a) *Tema (Sl 137, 8)*

E tu, ó carne que encantas,
 Filha de Babel tão feia,
 Toda de misérias cheia,
 Que mil vezes te levantas
 315 Contra quem te senhoreia,

Beato só pode ser
 Quem com a ajuda celeste
 Contra ti prevalecer,
 E te vier a fazer
 320 O mal que lhe tu fizeste;

b) *Desenvolvimento*

Quem com disciplina crua
 Se fere mais que ùa vez,
 Cuja alma, de vícios nua,
 Faz nódoas na carne sua,
 325 Que já a carne na alma fez.

2. *Tema desenvolvido (Sl 137, 8-9)*

E beato quem tomar
 Seus pensamentos recentes

E em nascendo os afogar,
 Por não virem a parar
 330 Em vícios graves e urgentes;

Quem com eles logo der
 Na pedra do furor santo
 E, batendo, os desfizer
 335 Na Pedra, que veio a ser
 Enfim cabeça do Canto;

Conclusão

Quem logo, quando imagina
 Nos vícios da carne má,
 Os pensamentos declina
 Aquela carne divina
 340 Que na Cruz esteve já;

Quem do vil contentamento
 Cá deste mundo visível,
 Quanto ao homem for possí-
 [vel,

345 Passar logo o entendimento
 Pera o mundo inteligível:

Ali achará alegria
 Em tudo perfeita e cheia
 De tão suave harmonia,
 Que nem, por pouca, escasseia
 350 Nem, por sobeja, enfastia.

Ali verá tão profundo
 Mistério na suma Alteza,
 Que, vencida a Natureza,
 Os mores faustos do Mundo
 355 Julgue por maior baixeza.

Conclusão Geral

Ó tu, divino aposento
 Minha pátria singular,
 Se só com te imaginar
 Tanto sobe o entendimento,
 360 Que fará, se em ti se achar?

Ditoso quem se partir
 Pera ti, terra excelente,
 Tão justo e tão penitente,
 Que, depois de a ti subir,
 365 Lá descanse eternamente!